

A DIVERSIDADE E A FLEXIBILIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CONSTATAÇÕES E REFLEXÕES

José Leão Marinho Falcão Filho¹

RESUMO: O texto tem como base uma prática investigativa orientada pelo autor e desenvolvida pelos alunos do 5º período de pedagogia, em escolas públicas e privadas de Belo Horizonte que oferecem a Educação de Jovens e Adultos (EJA); O autor procurou refletir, a partir da prática investigativa relatada, sobre a complexidade das relações entre os alunos dessas escolas e os seus professores, quando do desenvolvimento do processo ensino aprendizagem que os envolve. A conclusão do autor é no sentido de que o reconhecimento da diversidade existente entre os docentes e os discentes nas turmas da EJA, juntamente com a flexibilidade das ações docentes constituem o caminho para a compreensão dessa complexidade.

Palavras-chave: EJA, EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, DIVERSIDADE, FLEXIBILIDADE, PEDAGOGIA.

INTRODUÇÃO

Duas circunstâncias geraram este texto: uma, a programação da disciplina Educação de Jovens e Adultos – EJA – do 5º período de Pedagogia dos turnos da manhã e da noite; outra, o compromisso assumido por professores e coordenação do curso de Pedagogia com um trabalho integrado, organizado e coordenado pela Profa. Elisia Terezinha Melgaço de Afonseca, que unisse professores e alunos em torno de um tema significativo para a formação do Pedagogo.

A programação da disciplina se desenvolveu a partir de quatro temas que definem sua programação:

- a) as bases históricas, políticas, sociais, econômicas e educacionais da EJA;

¹ Professor da Disciplina Educação de Jovens e Adultos do Curso de Pedagogia da PUC Minas e coordenador/orientador da prática investigativa.

- b) as características etárias, sociais, políticas, econômicas e de escolaridade dos alunos da EJA;
- c) o processo ensino-aprendizagem dos alunos e professores da EJA;
- d) EJA um espaço de vivência e aprendizagem de alunos e professores.

Os alunos, no início de cada semestre, são divididos por sorteio entre os quatro temas. Cada aluno realiza uma prática investigativa que tem como tema e objeto investigar, na escola escolhida por ele, de que forma professores e gestores (diretor e coordenadores) consideram em sua prática o tema com o qual o aluno está comprometido. A investigação se processa ao longo do semestre e culmina, por um lado, com cada aluno apresentando, em sala, para debate com os colegas e o professor, o resultado de sua investigação; e por outro, na entrega, pelo aluno, de seu relatório sobre a referida prática. As atividades são avaliadas dentro do processo de avaliação previsto no plano de ensino da disciplina. A bibliografia básica utilizada como apoio às atividades da disciplina e debatida em sala com os alunos está relacionada no final deste texto.

Em reunião com a participação dos professores de cada período, foi estabelecido que cada docente deveria definir uma forma de integração entre sua disciplina e o tema gerador do trabalho. A disciplina Educação de Jovens e Adultos, por decisão do docente responsável por ela e com a concordância dos demais professores presentes em reunião coordenada pela profa. Vera Lins Sant'Anna, optou pelo subtema *DIVERSIDADE* para sua participação no trabalho integrado. Com esses objetivos, cada grupo de alunos sorteados em cada um dos temas anteriormente registrados, escolheu um(a) colega para escrever sobre o que investigou e o que concluiu à respeito da diversidade encontrada nas escolas e nas salas de aula de Educação de Jovens e Adultos das redes pública e privada. A contribuição desses alunos está identificada no rodapé nº 2 deste texto.

A diversidade é o pano de fundo de tudo que diz respeito à Educação de Jovens e Adultos, razão pela qual o seu estudo esteve presente em todas as atividades da disciplina e nos quatro temas que definem sua programação.

A legislação vigente (BRASIL, 2000; BRASIL, 2010), emanada do Conselho Nacional de Educação – CNE –, indica que as características básicas das propostas a serem definidas, estimuladas e normatizadas para a Educação de Jovens e Adultos deve considerar essencialmente dois aspectos: a diversidade que caracteriza os alunos, professores e gestores que trabalham com a EJA e a flexibilidade que deve ser considerada em todo o processo decisório que envolva os alunos e esses profissionais.

O art 2º da Resolução CNE nº 3 de 15/06/2010, que trata das Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos, é enfático nesse sentido:

Art. 2º Para o melhor desenvolvimento da EJA, cabe a institucionalização de um sistema educacional público de Educação Básica de jovens e adultos, como política pública de Estado e não apenas de governo, assumindo a gestão democrática, contemplando a diversidade de sujeitos aprendizes, proporcionando a conjugação de políticas públicas setoriais e fortalecendo sua vocação como instrumento para a educação ao longo da vida. (BRASIL, 2010).

E as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos enfatizam:

A LDB incentiva o aproveitamento de estudos e sendo esta orientação válida para todo e qualquer aluno, a fortiori ela vale mais para estes jovens e adultos cujas práticas possibilitaram um saber em vários aspectos da vida ativa e os tornaram capazes de tomar decisões ainda que, muitas vezes, não hajam tematizado ou elaborado estas competências. A EJA é momento significativo de reconstruir estas experiências da vida ativa e ressignificar conhecimentos de etapas anteriores da escolarização articulando-os com os saberes escolares. A validação do que se aprendeu "fora" dos bancos escolares é uma das características da flexibilidade responsável que pode aproveitar estes "saberes" nascidos destes "fazeres".

[...]

A flexibilidade curricular deve significar um momento de aproveitamento das experiências diversas que estes alunos trazem consigo como, por exemplo, os modos pelos quais eles trabalham seus tempos e seu cotidiano. A flexibilidade poderá atender a esta tipificação do tempo mediante módulos, combinações entre ensino presencial e não-presencial e uma sintonia com temas da vida cotidiana dos alunos, a fim de que possam se tornar elementos geradores de um currículo pertinente. (BRASIL, 2000).

A PRÁTICA INVESTIGATIVA²

Este texto não tem a intenção de esgotar o assunto *DIVERSIDADE NA EJA*, mas sim o de mostrar o que nossos alunos identificaram, investigaram, analisaram e aprenderam quando da prática investigativa realizada no 2º semestre de 2012, nas escolas que mantêm turmas da EJA. Os resultados dessa prática investigativa foram expostos em sala de aula e debatidos

² Contribuíram para a redação deste item em decorrência da Prática Investigativa que realizaram, todos os alunos dos 5ºs períodos da manhã e noite do Curso de Pedagogia da PUC Minas, e em especial os alunos a seguir relacionados que voluntariamente se interessaram em redigir um texto pessoal sobre diversidade com vistas à participação da turma no projeto Integrado do Curso: Acácio Aquino da Silva, 5º noite; Ana Paula Gomes de Melo, 5º noite; Andréia Ferreira Silva, 5º manhã; Camila Cristina Rocha, 5º noite; Cecília Alamanda de Freitas e Silva, 5º noite; Clemilda Aparecida da Costa, 5º noite, Jani Antonia Fernandes, 5º noite; Keila Priscila de Sousa, 5º noite; Kênia Carolina Maia Quintino, 5º manhã; Ludmila Aparecida Lopes Magalhães, 5º manhã; Marina Silva Santos, 5º noite; Tatiane Aparecida de Almeida, 5º noite; Simone Cunha de Souza, 5º manhã e Violeta da Silva Pena, 5º noite.

com os demais alunos sob a coordenação do professor. A prática investigativa foi realizada individualmente e cada aluno apresentou um relatório escrito sobre a investigação realizada.

Na Educação Básica, tanto nas escolas públicas, quanto nas escolas privadas, as turmas se apresentam com determinadas características aproximadamente comuns: os alunos pertencem a uma determinada faixa etária, a um determinado nível cultural-socioeconômico e têm um determinado nível de escolaridade.

Na Educação de Jovens e Adultos, acontece o contrário: as turmas apresentam-se com características mais diversas e extremas. Em uma mesma turma da EJA podemos encontrar: alunos de 17-20 anos, ao lado de adultos de 30-40 anos ou de idosos de 60-70 anos; alunos de condição socioeconômica baixa, desempregados, ao lado de outros de condição mais elevada e, em alguns casos, pequenos empresários; alunos com longa ou pequena experiência profissional e outros sem nenhuma; a predominância de alunos do sexo masculino ou do sexo feminino; alunos com elevado nível cultural e outros com baixo nível cultural; alunos e alunas com diferentes níveis de limitação física e mental; alunos que estão na EJA para conseguirem um certificado e com ele prosseguirem os estudos, outros que precisam do certificado para permanecerem nos empregos, e ainda outros que lá estão em busca de experiências sociais, relacionais e socializadoras; alunos que já frequentaram uma escola em alguma época de suas vidas e outros que nunca frequentaram uma escola.

Da mesma forma, em relação aos profissionais, gestores e docentes que estão na EJA, no que diz respeito à sua formação, ao seu compromisso com a EJA e os motivos que determinaram o seu ingresso como profissional na EJA, também foi identificada uma multidiversidade de perfis.

Quanto à formação, constatou-se que a grande maioria dos professores não possui uma formação específica para trabalhar na EJA e atuam numa mesma turma ao lado de uma minoria com alguma formação. Também entre os gestores encontramos alguns poucos com alguma formação específica e outros sem nenhuma formação. De parte dos que têm alguma formação identifica-se mais interesse, mais compromisso, maior satisfação com o trabalho e melhor uso de procedimentos e recurso didáticos; ao contrário daqueles que não tiveram nenhuma formação para exercerem a docência ou a gestão. Em ambas as situações identificou-se, é justo que se registre, exceções: professores e gestores sem formação, mas com alto grau de compromisso e competência em relação às atividades que desenvolvem na EJA, como também professores e gestores que, a despeito de possuírem alguma formação, não demonstram maior compromisso e competência no desempenho de suas respectivas funções.

Quanto ao apoio que professores e gestores recebem das secretarias de educação (estadual e municipais), da entidade mantenedora privada (escolas privadas) ou governo federal (Centro Federal de Educação Tecnológica) foi a instituição investigada), constatou-se o seguinte: não há uniformidade no apoio recebido das secretarias, algumas o fazem com intensidade, outras nem tanto; em relação ao governo federal, o apoio é total, o mesmo acontecendo com a escola privada investigada, por parte da entidade que a mantém.

Outro aspecto investigado pelos alunos e alunas diz respeito à forma como os docentes consideram as diversidades que caracterizam a EJA no desenvolvimento de seu trabalho cotidiano em sala de aula.

Sob o ponto de vista do processo ensino-aprendizagem na EJA, todos os procedimentos que se pretenda adotar com vistas a produzir o desenvolvimento do conhecimento, das habilidades e das atitudes dos alunos e das alunas, implicam em considerar, por um lado, a multidiversidade que caracteriza os alunos e os professores e, por outro, a flexibilidade no uso desses procedimentos.

Um dos textos indicados e estudados pelos alunos analisa a questão dos procedimentos didáticos a serem utilizados pelo docente nas salas da EJA quando identifica duas concepções quanto ao uso desses procedimentos: uma onde a participação do aluno é mínima ou nenhuma e outra em que é ampla essa participação. A primeira hipótese o autor denominou tradicional e a segunda, democrática (na opinião do autor deste texto, melhor seria denominá-la participativa). Seja como for, independente do termo identificador da concepção, a investigação mostrou que onde os alunos em sua maioria são mais velhos houve preferência pela forma tradicional. Uma possível explicação para essa conclusão poderá ser a de que os mais velhos estão com uma concepção qualitativa do processo ensino-aprendizagem muito vinculada ao tempo em que ingressaram na escola como criança ou adolescente e, conseqüentemente, ao que era considerado na época um bom professor, e é essa lembrança, provavelmente, responsável por essa preferência; registro, entretanto, que essa conclusão exige outras investigações para validá-la.

Uma situação observada por alguns alunos e alunas durante a prática investigativa realizada tem relação com essas concepções identificadas e diz respeito ao uso que determinados professores fazem delas em uma mesma aula. Estes professores parecem querer demonstrar que ambas as concepções têm pontos positivos e negativos, dependendo do uso que se faz delas durante a aula. A propósito dessa conclusão, admitimos que tal postura talvez decorra da percepção dos professores sobre a diversidade que caracteriza os alunos da EJA, levando-os a reconhecer a necessidade de flexibilizarem a escolha de procedimentos

didáticos, optando por aqueles que melhor atendam às características dos alunos, mesmo que se mostrem, em algum momento, teoricamente contraditórios. Ao tomarem essa decisão, estes professores poderão vir a escolher várias concepções de desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem que se mostrem mais convenientes para viabilizar os objetivos pedagógicos com os quais estão comprometidos.

Quanto aos motivos que levaram os professores e gestores a desenvolverem suas atividades profissionais na EJA, constatou-se que existem aqueles que lá estão porque querem, mas existem os que são obrigados a completar carga horária e o fazem em turmas da EJA. Em relação aos primeiros, a boa qualidade do trabalho é pública e notória; em relação aos segundos, quase sempre o trabalho desenvolvido não atinge os patamares de qualidade que se espera. Essas diversidades características dos grupos de professores da maioria das escolas investigadas, como não poderia deixar de ser, trazem importantes consequências no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Toda essa diversidade produz diferentes e contrastantes visões de mundo. É um quadro enriquecedor, sim, mas de muita complexidade em decorrência da heterogeneidade que caracteriza os seres humanos reunidos, eventualmente, no espaço limitado de uma escola ou de uma sala de aula. Dessa forma, ao preparar os conteúdos a serem ministrados em uma aula da EJA, o docente se faz alguns questionamentos: que procedimentos didáticos deverão ser utilizados de tal forma a interessar, ao mesmo tempo, o jovem de 20 anos e o adulto de 40 anos, ou o adulto de 30 anos e o idoso de 60? Como envolver, em uma mesma atividade pedagógica, o aluno desempregado e o aluno pequeno empresário? Como transmitir conhecimentos e desenvolver habilidades com alunas de 25 anos, que desejam prosseguir os estudos, e idosos com mais de 60 anos, que estão na turma mais interessados num relacionamento social do que propriamente em aprender um determinado conteúdo ou adquirir determinadas habilidades?

Agregue-se a toda essa complexidade, o fato de que nós, os profissionais da educação, professores e/ou pedagogos, passamos a maior parte de nossa formação nos preparando para trabalhar na educação básica, com crianças e adolescentes em salas de aula cuja característica predominante é a homogeneidade e não a heterogeneidade, como acontece nas turmas da EJA.

Os nossos alunos, nas apresentações da Prática Investigativa em sala de aula e no relatório escrito, mostraram que foram tomados, muitas vezes, por sentimentos contraditórios: satisfação, insatisfação, incredulidade e revolta. Satisfação pelos novos conhecimentos adquiridos em relação à educação brasileira, em particular, a respeito da Educação de Jovens e Adultos; insatisfação com as dificuldades que enfrentam os alunos e os profissionais da

educação, professores e gestores (diretores coordenadores / supervisores pedagógicos) ao procurarem realizar um bom trabalho na escola; incredulidade diante das dimensões da diversidade que caracteriza a EJA; e finalmente, revolta em relação ao pouco apoio que muitas escolas e seus profissionais recebem dos respectivos órgãos governamentais em detrimento do muito que poderia ser feito se todos estivessem efetivamente comprometidos com uma Educação de Jovens e Adultos de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já salientamos neste texto, os profissionais da educação, professores, gestores e pedagogos, quando alunos dos cursos de formação de educadores, quase sempre são preparados exclusivamente para lidarem com crianças e adolescentes. Estarão eles, dessa forma, preparados para desenvolverem uma proposta pedagógica para jovens e adultos tão diferentes entre si, em virtude das circunstâncias de vida que enfrentaram e enfrentam a cada dia?

Estão nossos profissionais, professores e pedagogos, na escola que mantém turmas da EJA, preparados para desenvolverem um processo educativo, no qual se inclui o processo ensino-aprendizagem, num ambiente de tanta diversidade, como são as turmas da EJA?

Os profissionais que estão nas escolas com as características identificadas na prática investigativa realizada foram preparados para essa diversidade antropológica, social, econômica, etária e educacional que caracteriza a EJA?

Diversidade, enfim, é como se apresentam aos nossos olhos a pluralidade que caracteriza os seres humanos que estão na EJA, alunos, professores e gestores. Flexibilidade é a forma como o nosso cérebro percebe essa diversidade e nos orienta como devemos agir em função dela. Diversidade e flexibilização são os dois grandes desafios a serem enfrentados por aqueles que pretendem, ou pretenderem, desenvolver atividades nas escolas e turmas de EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. Entender a diversidade presente em todos os momentos da EJA e a partir desse entendimento agir, com flexibilidade, é o maior dos desafios!

Tais reflexões levam a inevitável conclusão: Na EJA, a diversidade e a flexibilidade, são presenças irmãs e constantes em todas as ações dos docentes e gestores, diretores e coordenadores, na EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G.de Castro; GOMES, Nilma L. (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.19

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB 11/2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Relator: Carlos Roberto Jamil Cury. **Diário Oficial da União**, Brasília, 9 jun. 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução 03, de 15 de junho de 2010. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jun. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos**: alunos e alunas da EJA. Brasília: MEC, 2006a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos**: o processo de aprendizagem dos alunos e professores. Brasília, MEC, 2006b.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos**: a sala de aula como espaço de vivência e aprendizagem. Brasília: MEC, 2006c.

FALCÃO FILHO, José Leão. **Educação de jovens e adultos**: uma dívida, uma reparação, uma equalização, uma qualificação e um direito. Local: PUCMINAS. Belo Horizonte, 2012.

PÁDUA, Elizabete M. M. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 6.ed. Campinas: Papiros, 2000. p.31-119.

SANTANA, Vera Lins. Entrevista in: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO-APOSTILA- Departamento de Educação-PUCMINAS. Belo Horizonte, 2007.